

VÍNCULOS ENTRE ALUNOS E UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR: DESENVOLVIMENTO E PROPOSIÇÃO DE UMA ESCALA DE MEDIDA

Joana D'Arc Alves¹, Luiz Carlos Honório²

Artigo recebido 28/06/2011. Aprovado em 27/05/2015.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo desenvolver e propor uma escala de vínculos para avaliar o relacionamento entre alunos e uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais. O Referencial Teórico baseou-se em estudos sobre vínculos organizacionais, recorrendo-se autores consagrados da Administração e Psicologia, tais como: Freud, Bion, Bleger, Pagès, Chanlat, Freitas, Enriquez e Pichon-Rivière entre outros. O questionário, aplicado em 821 alunos de diferentes cursos da instituição, continha 71 indicadores distribuídos em dez tipos de vínculo. Foram utilizados procedimentos de análise fatorial exploratória para a análise dos dados. A análise realizada permitiu a extração de 7 fatores vinculares reduzidos em 28 indicadores, apresentando grande parte das cargas fatoriais acima de 0,60 e uma medida de adequação da amostra (KMO = 0,92) apurada como meritória. O modelo final da análise fatorial explicou 40,73% da variância, com a grande maioria dos fatores extraídos revelando um alfa de Cronbach acima de 0,60. Não obstante os resultados alcançados pela pesquisa serem considerados satisfatórios e confiáveis, recomenda-se que a escala seja reaplicada para fins de aprimoramento e ampliação dos estudos empíricos futuros que tratem dos vínculos mantidos entre alunos e instituições de ensino superior.

Palavras-chave: Vínculos. Instituição de Ensino Superior. Educação. Alunos. Análise fatorial.

Esta obra está licenciada sob uma Licença *Creative Commons Attribution 3.0*.

1 Professora em Administração na PUC/MG e Mestre em Administração pela Faculdade Novos Horizontes - Brasil. josna@pucminas.br

2 Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professor da Faculdade Novos Horizontes - Brasil. luiz.honorio@unihorizontes.br

TIES BETWEEN STUDENTS AND AN INSTITUTION OF HIGHER EDUCATION: DEVELOPMENT AND PROPOSITION OF A MEASUREMENT SCALE

ABSTRACT

The aim of this article is to certify a range of ties to evaluate the relationship between students and an Institution of Higher Education situated in Belo Horizonte, State of Minas Gerais. The theoretical basis was formed by studies concerning organizational ties sustained in renowned authors by Psychology and Administration such as Freud, Bion, Bleger, Pagès, Chanlat, Freitas, Enriquez e Pichon-Rivière among others. The questionnaire, applied with 821 students from different courses of the institution, contained 71 affirmatives distributed in 10 types of ties. Exploratory factor analysis was used to analyze the data. The analysis carried out permitted the extraction of 7 associated factors reduced to 28 indicators, featuring a large number of factor loadings above 0,60 and the Kaiser Meyer Olkin (KMO = 0,92) measure of sampling adequacy determined as meritorious. The final factor analysis model explained the 40,73% variance, with the majority of the extracted factors disclosing a Cronbach Alpha above 0,60. Notwithstanding the results achieved by the research being considered satisfactory and reliable, it is recommended that the scale be improved for future empirical studies that deal with ties between students and institutions of higher education.

Keywords: Ties. Institution of Higher Education. Education. Students. Factor analysis.

The content of GESTÃO.Org is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 license.

1 . INTRODUÇÃO

O conceito de vínculo pode abranger três planos das inter-relações do indivíduo: a) intrasubjetivo, que se expressa pela relação do sujeito com suas representações objetais; b) intersubjetivo, que alude às formas como o indivíduo se relaciona com as pessoas de sua convivência familiar, institucional e profissional; e c) transubjetivo, que trata das diversas formas como os indivíduos se vinculam com as normas, leis e valores dos demais macrogrupos e com os papéis e funções que eles desempenham no contexto sociopolítico-cultural no qual estão inseridos, referindo-se a vínculos e fantasias inconscientes compartilhados por todos os indivíduos (BERENSTEIN, 1995; BERENSTEIN; PUGET, 1997, KRAKOV; PACHUK, 1998; VENTRICE; ZADUNAISKY, 1998, ZIMERMAN, 2000). Neste artigo, tais planos se fazem presentes no fenômeno investigado, assumindo o intersubjetivo e o transubjetivo vital importância, na medida em que se trata aqui dos vínculos estabelecidos entre alunos e demais agentes em uma Instituição de Ensino Superior (IES) particular localizada em Belo Horizonte. A IES, fundada há mais de 60 anos, é de natureza confessional, desfruta de reconhecimento e prestígio perante a sociedade mineira e apresenta-se como uma das maiores instituições de ensino superior do País.

Por se tratar de uma organização direcionada para a formação educacional, presume-se que conhecer os processos psicossociais envolvidos nas relações que mantém com seu corpo discente permite o desenvolvimento de ações direcionadas para a melhoria da qualidade do ensino. Dito de modo mais simplificado, a identificação dos vínculos que se estabelecem entre os alunos e uma IES pode se constituir em uma alternativa para o alcance deste propósito (BUSCH; KOCIAK, 1998). Assim, entende-se que uma IES planeja e realiza suas atividades com a finalidade de levar o aluno a desenvolver e obter conhecimentos necessários para se inserir no mundo do trabalho e, conseqüentemente, a representá-la no mercado como uma entidade responsável pela formação de profissionais qualificados. Por

sua vez, o aluno é estimulado a comprometer-se com o projeto pedagógico da instituição, esperando receber contrapartidas que garantam sucesso pessoal e profissional (FERNANDES; SVARTMAN; FERNANDES, 2003). Portanto, acredita-se que os vínculos mantidos entre a IES e o aluno são fundamentais para o desempenho satisfatório desses papéis.

Pretende-se neste artigo apresentar e discutir os procedimentos adotados para o desenvolvimento e a proposição de uma escala para mensurar as configurações vinculares mantidas entre alunos e uma instituição de ensino superior, tendo como inspiração os estudos realizados por Kramer (2003) e Kramer e Faria (2007). Estes autores, partindo das concepções teóricas de diversos estudiosos da Administração e da Psicologia (BION, 1970; FREUD, 1987; BLEGER, 2003; PAGÈS, 1993; CHANLAT, 1996; FREITAS, 2000; ENRIQUEZ, 1997, 2001, 2006; PICHON-RIVIÈRE, 2007, 2009), sugerem que alguns tipos de vínculos devem ser estabelecidos para que um indivíduo satisfaça necessidades objetivas e subjetivas nas relações mantidas com determinada organização. Estes vínculos seriam: identificação, sentimento de pertença, cooperação nas atividades, participação nas decisões, criação de inimigos, idealização, reconhecimento e valorização dos indivíduos, solidariedade, integração entre os membros e crescimento e desenvolvimento profissional/pessoal. Apesar desses tipos de vínculos designarem as relações mantidas no e com o trabalho, acredita-se que também sejam reproduzidos nas relações que os alunos estabelecem entre si e com uma instituição educacional, uma vez que nesta interação espaços são abertos para o discente satisfazer necessidades tanto objetivas quanto subjetivas. Diante desse contexto, surgiu a seguinte pergunta: quais os vínculos se destacam no relacionamento mantido entre alunos e uma instituição de ensino superior?

Para que o objetivo da pesquisa pudesse ser alcançado e a pergunta da pesquisa ser respondida, elaborou-se um questionário para ser submetido a uma análise fatorial exploratória, cuja intenção central era investigar os indicadores propostos que poderiam ser sumarizados em um conjunto de fatores que

designassem os tipos de vínculo sugeridos por Kramer (2003), Kramer e Faria (2007). Com isso em mente e as adaptações que se fizeram necessárias na criação do instrumento de coleta de dados, interessa a este artigo propor uma escala que possa ser utilizada em estudos futuros para fins de aprimorar e, conseqüentemente, ampliar os estudos a respeito dos vínculos mantidos entre alunos e Instituições de Ensino Superior. Assim, de um ponto de vista teórico o estudo realizado justifica-se pela oportunidade ampliar a abrangência do tema que norteou a pesquisa. De um ponto de vista prático o estudo justifica-se pela oportunidade de identificar a vinculação do aluno com a instituição, visando apurar em que aspectos ela deve atuar para que esse processo se fortaleça e, conseqüentemente, realizar ações estratégicas que garantam seu sucesso organizacional.

O artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, discute-se o referencial teórico, buscando-se descrever os tipos de vínculo considerados na formatação do instrumento de coleta de dados. Na segunda, delimitam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na terceira, caracteriza-se o perfil dos alunos pesquisados e descrevem-se e discutem-se os resultados da análise fatorial. Na quarta, apresentam-se as considerações finais do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está estruturado em duas partes: a primeira trata de aspectos conceituais a respeito do tema norteador do estudo realizado e, a segunda, discute a tipologia de vínculos que embasou a pesquisa.

2.1 VÍNCULO: ASPECTOS CONCEITUAIS

O termo vínculo origina do latim vinculum, que significa “união” com características de uma ligação duradoura. Possui também a mesma raiz que a palavra vinco, sugerindo uma ligação entre determinadas partes, que, apesar de se encontrarem delimitadas entre si, mantêm-se unidas (ZIMERMAN, 2010). A

expressão configuração vincular é usada para caracterizar a estrutura que se forma a partir da interação de duas ou mais pessoas no mundo real, sendo que qualquer modificação que ocorre em uma delas implica a modificação das demais (BION, 1970; BOWLBY, 1982; BLEGER, 2003; FAVIER; WINOGRAD, 1998; ZIMERMAN, 2010). Todavia, a discussão sobre o conceito de vínculo se amplia em Lewin (1965) quando o autor, em sua teoria de campo, conferia aos fenômenos sociais uma forma dinâmica e gestáltica, nas quais pessoas, objetos, instituições e acontecimentos sociais manteriam entre si relações dinâmicas, determinando o que ele denominou de “campo social”. Congruente ao pensamento de Kurt Lewin, Pichon-Rivière (2009) postula que o vínculo se constitui e se fortalece no convívio social, pois é dinâmico e ativo. A partir deste processo de criação de laços é que ocorre o reconhecimento de si e do outro.

Os conceitos de vínculo baseados na Psicologia levaram Faria e Schmitt (2007) a argumentar que as relações estabelecidas entre indivíduo e organização, propiciam que esse alcance os seus objetivos, mantendo aquele ligado a ela. Para esses autores, o vínculo traduz a dinâmica psíquica da inter-relação entre sujeito (empregado) e objeto (organização), que se dá no espaço subjetivo e que possibilita a satisfação de necessidades tanto objetivas e subjetivas. De modo mais específico, Kramer e Faria (2007) observam que os elementos que constituem um vínculo desta natureza passam pela identificação e idealização do empregado com as características da organização e pelo sentimento de lhe pertencer, de participar das atividades ou decisões por ela patrocinadas, de experimentar crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional, e de estabelecer relacionamentos interpessoais solidários, cooperativos e integradores no trabalho.

Não obstante envolverem a relação organização–empregado, esses tipos de vínculo referem-se diretamente à subjetividade humana. E, por assim ser, também se aplicam às relações estabelecidas entre alunos e uma instituição educacional. Tendo em vista, essas considerações, a abordagem teórica que embasa o artigo passa, inicialmente, pela identificação dos tipos de vínculo e dos elementos

associados a uma IES e, posteriormente, pela caracterização detalhada dos vínculos segundo o pensamento de estudiosos da Administração e da Psicologia, e, quando possível, de estudiosos da Educação. O Quadro 1 identifica os tipos de vínculos referenciados

Em Revere et al. (2007) a revisão da literatura é focada nas necessidades de informação dos profissionais de saúde pública. Os autores sugerem um processo de revisão de literatura composto de cinco etapas: (1) Procura, que adota a estratégia de busca aplicada às bases bibliográficas, tabelas de índices, recursos de internet, compilações e relatórios governamentais. (2) Remoção de duplicidades, que realiza cópia digital de arquivos da internet (*download*) de referências em *software* bibliográfico e realiza a remoção das duplicidades de títulos; (3) Primeira revisão elegível, usa o critério de Inclusão/Exclusão aplicado aos títulos e resumos das potenciais fontes relevantes; (4) Última revisão elegível, onde relatórios completos são obtidos e é realizada busca manual das referências dos artigos e autores, além de aplicar o critério de inclusão/exclusão de artigos. (5) Como última etapa tem-se os dados finalizados. Na figura 1 são descritas as etapas de pesquisa e processo de seleção.

QUADRO 1 – Tipos de vínculos e definições.

Tipos de vínculos	Elementos associados a uma IES
Identificação	. A admiração e a imagem desfrutadas no mercado, a gratificação alcançada com a realização do curso, as condições motivacionais oferecidas para este fim e o fato de a instituição ser fonte de realização pessoal e profissional.
Sentimento de pertença	. O orgulho em participar de eventos ligados à instituição, o estreitamento dos laços com a escola à medida que o curso se desenvolve e a defesa da instituição quando ela é criticada.
Cooperação nas atividades	. O exercício da colaboração entre os colegas, o apoio recebido pelos professores, a realização das atividades escolares nos prazos estabelecidos, a contribuição dada pelo aluno para os resultados da instituição e a existência de conflitos que possam prejudicar a realização das atividades acadêmicas.

Vínculos entre alunos e uma Instituição de Ensino Superior: desenvolvimento e proposição de uma escala de medida

Participação	. A expressão dos alunos quanto a críticas, ideias e sugestões sobre instituição e os canais disponibilizados para esse fim.
Criação de inimigos	. O relacionamento concorrencial no mercado entre instituições de ensino superior, as relações de confiança e competição entre alunos e, desses, com os professores e demais agentes escolares.
Idealização	. A imagem e o conceito que o aluno tem da instituição e dos seus professores, o modo como a instituição é percebida como prestadora de serviços educacionais, a maneira como o aluno é responsabilizado pelos padrões de desempenho esperados pela instituição e a satisfação obtida com as atividades socioculturais oferecidas pela escola.
Reconhecimento e valorização	. As condições oferecidas ao aluno para realizar atividades ou manifestar particularidades de seu interesse e, assim, sentir-se gratificado com o curso, a valorização e o reconhecimento do desempenho do aluno pelos colegas.
Solidariedade	. Disposição da instituição e de seus professores em ajudar os alunos a resolver problemas pessoais, a disponibilidade de serviços de apoio oferecidos aos alunos pela instituição e a verificação da existência de espírito de união entre os alunos.
Integração entre os membros	. A disponibilização de atividades sociais aos alunos, o entrosamento entre os alunos com os professores e com a coordenação e, a abertura destes atores para se relacionarem com os discentes.
Desenvolvimento pessoal e profissional	. Os incentivos oferecidos à participação dos alunos em atividades extracurriculares e à qualificação e preparação para o exercício profissional, as metas desafiadoras e os padrões elevados de ensino.

Fonte: elaborado pelos autores.

A seguir, os tipos de vínculos identificados no Quadro 1 são devidamente teorizados.

2.1.1 Identificação

A identificação ocorre quando um indivíduo e um grupo se reconhecem por meio da incorporação de valores, normas, atitudes, crenças, ideais, modelos e heróis, de modo que um corpo social seja formado (ENRIQUEZ, 1997). Portanto, trata-se de um mecanismo psicossociológico dinâmico, que permite o

estabelecimento de vínculos sociais, a formação de identidade individual e grupal, e a experimentação de sentimentos de segurança psicológica, afiliação, autovalorização e significado pessoal (ASHFORTH; MAEL, 1996; PRATT, 2000; YANNIS, 1999; LIEVENS; HOYE; ANSEEL, 2007). Ainda, é um mecanismo que varia de acordo com o contexto, levando o indivíduo a sintetizar múltiplas identificações nas relações que estabelece com os objetos que o cercam (BION, 1961; PLACER; 1998; MAFFESOLI, 2007). Exemplificando: um aluno pode identificar-se com um professor, enquanto que, de volta a casa, assume a identidade de um pai quando brinca com os filhos.

Pela identificação, o indivíduo realiza seus projetos pessoais ao se identificar com as entidades com que se relaciona (LACOMBE, 2002; ZIMERMAN, 2010), corrobora Freitas (2000), quando esta autora argumenta que a identificação é um processo psicológico por meio do qual um indivíduo assimila alguma característica do outro e se transforma, total ou parcialmente, sob o modelo daquele. Por essa razão, é um dos principais mecanismos pelo qual são estabelecidas relações com os outros, segundo preconizado pela psicanálise (CALDAS; TONELLI, 2000). É por meio desse mecanismo que se torna possível a aproximação, ou o distanciamento do outro, sendo que, enquanto processo psíquico central no desenvolvimento das pessoas, a identificação é a base da solidariedade ou da perseguição. A identificação é, ao mesmo tempo, uma maneira de construir, por meio das experiências de socialização, a identidade do indivíduo (MACHADO, 2003) e a forma peculiar que este encontra para se vincular a outros, sendo, assim, um mecanismo de relação (CALDAS; TONELLI, 2000).

Portanto, a identificação refere-se a um mecanismo psicossociológico dinâmico, que permite o estabelecimento de vínculos sociais, a formação de identidade individual e grupal, e a experimentação de sentimentos de segurança psicológica, afiliação, autovalorização e significado pessoal (ASHFORTH; MAEL, 1996; PRATT, 2000; ALBERT; ASHFORTH, DUTTON, 2000; TAJFEL; TURNER, 2004; VELOSO, 2007; YIANNIS, 2010).

2.1.2 Sentimento de pertença

Muitas vezes, os conceitos de identificação e pertença misturam-se conceitualmente. Para Pichon-Rivière (2009), a pertença seria uma etapa posterior ao processo de identificação, no momento em que ocorre uma transformação causada por uma maior integração do indivíduo a um grupo. Quando isso ocorre, o sentimento de pertença gera compromisso, envolvimento e o desafio de enfrentar a construção do ser profissional e de fazer parte do grupo (FORTUNA et al., 2005). O indivíduo, ao fazer parte, interessa-se pelos projetos do grupo, da organização ou da instituição com que mantém relacionamento e participa deles. Por meio desse sentimento, define sua identidade social, bem como o valor e o significado emocional, associados a essa a filiação (SENOS, 1997), portanto, o sentimento de pertença gera entre os agrupados a noção de compromisso, envolvimento, apropriação de espaço, reconhecimento pelo outro e predisposição para enfrentar a construção do ser profissional (PUGET, 1997; ZIMERMAN, 2000). Assim, entende-se pertença como sendo o sentimento de fazer parte “do dentro” de um grupo, cujos integrantes se identificam com os objetivos, acontecimentos e esperanças deste grupo (VELOSO, 2007; ALIATTI, 2008).

2.1.3 Cooperação nas atividades

Argumenta-se que as pessoas buscam e desejam, de forma inconsciente, uma cooperação autêntica em suas relações sociais (PAGÈS, 1993). Assim, a cooperação é um dos fatores facilitadores do bom funcionamento dessas relações sociais, por implicar relacionamento e ajustamento adequados dos indivíduos em interação (LODI, 1985). Pela cooperação, a realização do trabalho torna-se facilitada, contribuindo para a realização das tarefas de determinado grupo (PICHON-RIVIÈRE, 1998; FORTUNA et al., 2005), como também para a formação das relações de confiança que emanam da interação estabelecida para o alcance de um objetivo (PHUA, 2004). A cooperação no âmbito organizacional caracteriza-se pelo esforço dos gerentes em fomentar este espírito entre os empregados com o

intuito de fazer com que as tarefas sejam executadas de forma conjunta e harmônica, facilitando o alcance dos objetivos empresariais (CHEN; CHEN; MEINDL, 1998; SCHALK; CURSEU, 2010). Schalk e Curseu (2010) comentam que o esforço gerencial na direção de relações cooperativas é também para assegurar que a organização seja capaz de se adaptar mais rapidamente às mudanças do ambiente, se posicionar adequadamente em redes interorganizacionais e, se mostrar flexível no tocante aos sistemas de produção e de prestação de serviços. Estas considerações podem ser extrapoladas para a função do professor em uma Instituição Acadêmica, uma vez ser um dos papéis desse profissional o de fomentar espírito de equipe entre os alunos para que trabalhem de forma harmoniosa e cooperativa, visando o alcance satisfatório das atividades escolares.

2.1.4 Participação

A participação indica o grau de controle que os membros ligados a uma organização possuem sobre os elementos objetivos da gestão do trabalho (econômicos, técnicos ou político-ideológicos), determinando como consequência a capacidade que eles têm de definir e realizar seus interesses específicos (FARIA; SCHMITT, 2007). A participação é importante na formação e manutenção dos vínculos, pois proporciona aos indivíduos a possibilidade de contribuir para a definição de materiais referentes às atividades de uma organização. De modo mais específico, a participação presta-se a efetivar experiências coletivas de trabalho, a socialização das decisões e a divisão de responsabilidades, constituindo-se como elemento básico de integração social democrática (CARDOSO, 1995; VALLADARES; FILHO, 2003; GHANEM, 2004; LUCK, 2006; NASCIMENTO, 2008). Significaria dizer que em uma situação democrática como essa, um projeto pedagógico de uma escola seria elaborado de forma compartilhada com representantes internos e externos à comunidade onde aquela se situa.

2.1.5 Criação de inimigos

A existência de inimigos, sejam eles internos ou externos a uma organização ou instituição, favorece o fortalecimento dos vínculos entre os seus membros. Tais membros, ao se defrontarem com o fracasso, tenderão a depositar a responsabilidade no outro, isto é, em um inimigo interno ou externo (ENRIQUEZ, 2006). O conflito que decorre deste tipo de situação funciona como um mecanismo de defesa, que tem por objetivo proteger as pessoas dos sentimentos angustiantes que se manifestam nas interações sociais, tais como perder a admiração de seus pares e deixar de ser amado (PAGÈS, 1993).

De acordo com Zimerman (2010), entre os indivíduos existem ansiedades de origens diversas (persecutória, aniquilante e de outras naturezas), que são provenientes dos conflitos internos a determinado agrupamento ou das frustrações que se originam do ambiente externo. Para que as pessoas possam conviver socialmente, é necessário que tenham um projeto comum que englobe idealização, ilusão e crença. Diante disso, pode acontecer de as pessoas virem a insurgir-se contra o sistema vigente, algo que pode se expressar pela força ou violência, mas que funciona como uma tentativa de formar novas relações e de criar laços afetivos. Pelo sentimento de ódio extravasado, facilita-se a passagem dos sentimentos egoístas para os sentimentos altruístas, permitindo aos indivíduos se amarem ou se reunirem para trabalhar ou realizar as suas atividades (ENRIQUEZ, 2006).

2.1.6 Idealização

Por meio da idealização, as qualidades e o valor do objeto idealizado são elevados à perfeição (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996), ou seja, mediante este processo, um indivíduo sente que a relação que ele estabelece com determinado objeto não possui falha e que todos os seus desejos serão satisfeitos nessa conexão (FREITAS, 2000; PAGÈS, 1993). Para Enriquez (2001), a idealização é um mecanismo importante para a elaboração de um projeto comum, permitindo que os

indivíduos vivam como membros de uma sociedade e estabeleçam um pacto social. Para este autor, mesmo que a idealização, de um lado, afete a singularidade do indivíduo, de outro, propicia tranquilidade e estabilidade psíquica, conferindo a ilusão e a crença de que o projeto comum pode obter êxito. Por essa razão, estruturas devem ser disponibilizadas para que os indivíduos não apenas pensem sobre as representações que fazem de um objeto, mas também as sintam.

2.1.7 Reconhecimento e valorização

O reconhecimento, de acordo com Herzberg et al., (1973), manifesta-se por meio de tarefas que ofereçam suficiente desafio e significado para o indivíduo, levando-o ao aprimoramento de suas habilidades e, por consequência, à obtenção de satisfação nas atividades que realiza. Além disso, um indivíduo precisa ter a garantia de que é reconhecido, amado e respeitado pelas outras pessoas, além de possuir um espaço para manifestar a sua identidade (ENRIQUEZ, 2001; ZIMERMAN, 2003, 2010). Do ponto de vista do trabalho, as pessoas sentem-se valorizadas em suas ocupações quando uma organização estabelece rotinas que absorvam as habilidades de seus membros (FELDMAN; ANAT, 2002) E políticas de reconhecimento e valorização, propiciando oportunidades de aprendizado e crescimento (FARIA; SCHMITT, 2007). Nessa linha de raciocínio, Vergara e Branco (2001) comentam que as empresas comprometidas com o crescimento das pessoas e com as causas sociais e ecológicas tendem a atrair, continuamente, a atenção de profissionais talentosos. Para estes autores, as oportunidades que as empresas oferecem aos empregados referem-se ao crescimento e ao desenvolvimento pessoal e profissional. Essas oportunidades têm por objetivo promover a busca pelo conhecimento, pela qualificação e pelo aperfeiçoamento dos empregados, além da instrumentalização destes para o trabalho.

2.1.8 Solidariedade

A solidariedade fortalece os laços de reciprocidade, união e ligação mútua entre as pessoas (GINTIS; FEHR, 2012), além de ser um elemento que dá fundamento ao sentimento de cooperação (GOMES, 2007). Por meio deste estado o outro é reconhecido e, por assim ser, elevado à condição de sujeito (SANTOS, 2000). Por essas qualidades, a solidariedade é dinâmica e promove o diálogo entre os indivíduos de um grupo, permitindo que se expressem e tornem-se mais autênticos e integrados (PAGÈS, 1993). Nesse sentido, a integração possibilitada pelo estado de solidariedade permite que estruturas de acolhimento positivo em relação tanto à saída quanto à chegada de novos membros a um grupo se desenvolvam, sem que os integrantes que já fazem parte do grupo tenham perder sua identidade (MAILHIOT, 1973; PAGÈS, 1993). A solidariedade também funciona como uma forma de construção da identidade do indivíduo e uma forma peculiar que este encontra para se vincular a outros, configurando-se como um mecanismo de relação (CALDAS; TONELLI, 2000; ROSENFELD, 2013).

2.1.9 Integração entre os membros

Na visão de Maslow (1987), uma vez satisfeitas às necessidades fisiológicas e de segurança, o indivíduo se volta para as necessidades sociais, passando a ter o desejo de manter contato com outros indivíduos, de participar de vários núcleos sociais e de ser aceito por meio de relações de amor, afeição, participação e contato humano. Essas necessidades implicam a interação ou integração do sujeito com o mundo e com os outros. A integração ocorre mais rapidamente em relações sociais homogêneas, uma vez que diferentes indivíduos partilhando uma mesma condição social ou profissional transacionam valores, modelos de vida e desejos que representam uma forma de afiliação grupal que produz identidade social (MAILHIOT, 1973, JODELET, 1990; MACHADO, 2003). A integração é alcançada quando cada membro do grupo se sente plenamente aceito e quando os membros minoritários têm certeza de que serão ouvidos no momento de decisão. Indivíduos integrados

adotam uma linguagem comum (SEMINOTTI, 2001), recorrendo a símbolos e códigos que lhes são próprios, o que lhes confere maior grau de coesão e solidariedade (MAILHIOT, 1973).

2.1.10 Desenvolvimento pessoal e profissional

Reconhece-se que a organização ou instituição que oferece oportunidades para seus membros se qualificarem e aperfeiçoarem está favorecendo a criação de vínculos. Nessa mesma direção, segundo Vergara e Branco (2001) comentam, as empresas comprometidas com o crescimento das pessoas e com causas sociais e ecológicas tendem a atrair, continuamente, a atenção de profissionais talentosos. As oportunidades de crescimento pessoal e profissional facilitam o alcance de autorrealização, que, na visão de McClelland (1985), representa a necessidade que o indivíduo tem de pôr a prova seus limites e de fazer um bom trabalho, procurando mudar sua vida, colocando-se em situações competitivas e estipulando metas para si mesmo, mas somente aquelas que são realistas e realizáveis. Desse modo, para um grupo se manter em movimento, Aliatti (2008) comenta que é preciso que se tenha “aspirações”. A aspiração está relacionada com a coesão, a conformidade e a motivação. Implica meta. Quando se tem uma meta precisa e bem delimitada, a motivação é a aspiração. As aspirações comuns são dinâmicas, pois movem o grupo e cada um de seus participantes como integrantes do grupo (ALIATTI, 2008). Metas e aspirações, portanto, implicam possibilidades de crescimento pessoal e profissional.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS NO ESTUDO

A pesquisa é de cunho quantitativo (COLLIS; HUSSEY, 2005) e de caráter descritivo (TRIVIÑOS, 1987), com o objetivo de expor minuciosamente os tipos de vínculos mantidos entre alunos e uma instituição de ensino, recorrendo-se ao método do tipo survey (BABBIE, 1999). A unidade de análise da pesquisa compreende uma Instituição de Ensino Superior (IES) confessional, localizada na cidade de Belo Horizonte, e a unidade de observação composta por 821 alunos matriculados em diferentes cursos de sua unidade central. A escolha da instituição

para a pesquisa deveu-se à evolução constante de sua filosofia educacional nos mais de 60 anos que atua no ensino, pesquisa e extensão no estado de Minas Gerais, visando fortalecer entre os alunos, além da competência técnica, a visão abrangente e interativa, e a atuação empreendedora em face das mudanças cada vez mais velozes do mundo globalizado.

A escolha dos alunos para integrar a amostra de pesquisa respeitou três critérios: 1) inclusão em todos os cursos da instituição; 2) matrícula nos turnos da manhã, tarde e noite; 3) distribuição por períodos intercalados e em sequência (2º, 4º, 6º e 8º). Entendia-se que o atendimento desses critérios permitiria que uma compreensão mais ampla dos vínculos entre alunos e a IES pudesse ser alcançada. É importante destacar que o tamanho da amostra atendeu às exigências de aplicação da técnica estatística utilizada na pesquisa (análise fatorial), propiciando bases suficientes para a confiabilidade dos dados investigados.

O instrumento de pesquisa constituiu-se de um questionário estruturado, fechado e auto-aplicável, elaborado com diversas assertivas inspiradas nos estudos realizados por Kramer (2003) e Kramer e Faria (2007). Não obstante os tipos de vínculos estudados por esses autores envolverem a relação organização–empregado, eles se aplicam diretamente à subjetividade humana. Portanto, as relações entre discentes e uma instituição educacional remetem a este argumento porque envolvem processos psicossociais que podem suscitar práticas de intervenção com vistas a uma melhor qualidade do ensino. Tendo isso em mente, considerou-se pertinente fazer as adequações necessárias para sustentar o fenômeno descrito neste artigo, ou seja: a identificação dos tipos de vínculos estabelecidos entre os alunos e uma IES. O processo de elaboração implicou a criação de 71 indicadores, ou assertivas, distribuídos em dez tipos de vínculo, os quais corresponderam aos seguintes tipos: identificação, sentimento de pertença, cooperação nas atividades, participação, criação de inimigos, idealização, reconhecimento e valorização, solidariedade, integração entre os membros e desenvolvimento pessoal e profissional. Dois estudiosos das áreas da Administração

e Psicologia analisaram o instrumento, objetivando verificar se a linguagem adotada na escala estava ou não ajustada àquelas disciplinas.

O questionário ficou organizado em duas seções. A primeira ficou composta por questões que tinham por objetivo levantar dados demográficos e institucionais dos alunos participantes da pesquisa. Foram investigados os seguintes dados nesta parte do questionário: curso, período, sexo, faixa etária, ocupação no mercado de trabalho e estado civil. A segunda foi representada pelos indicadores propostos e distribuídos em uma escala de concordância do tipo Likert de cinco pontos, variando de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”. Nesta escala, o número 1 representava o valor máximo de discordância e o número 5, o valor máximo de concordância.

Os indicadores foram distribuídos de forma relativamente equilibrada na escala, respeitando-se a seguinte quantificação: identificação (7 indicadores), sentimento de pertença (6 indicadores), cooperação nas atividades (6 indicadores), participação (5 indicadores), criação de inimigos (7 indicadores), idealização (9 indicadores), reconhecimento e valorização (6 indicadores), solidariedade (9 indicadores), integração entre os membros (9 indicadores) e desenvolvimento pessoal e profissional (7 indicadores). Vale ressaltar que os indicadores pertinentes a tais vínculos foram distribuídos aleatoriamente no questionário.

Visando identificar e eliminar problemas potenciais de compreensão do instrumento (layout, clareza das perguntas ou dificuldade de preenchimento), aplicou-se um pré-teste a uma pequena amostra de pesquisados (MALHOTRA, 2001). Antes porém, aplicou-se o questionário a um grupo voluntário de professores de diversos cursos (Filosofia, Física, Sociologia, Letras, Direito e Pedagogia), o que permitiu colher sugestões para a reelaboração ou eliminação de alguns indicadores. Após passar por esse processo, o instrumento foi reavaliado e aplicado a um grupo de 15 alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, escolhidos por conveniência, cujas respostas foram excluídas da amostra definitiva da pesquisa.

Nenhuma dificuldade de compreensão foi detectada nesta etapa final do pré-teste do instrumento de coleta de dados.

A análise fatorial foi utilizada como a principal técnica estatística para o tratamento dos dados, cuja intenção central era explorar os indicadores propostos pelo estudo que poderiam ser sumarizados em um conjunto de fatores (PASQUALI, 2005; HAIR Jr. et al., 2005) que designassem os tipos de vínculo inspirados nos estudos de Kramer (2003) e Kramer e Faria (2007).

Alguns pressupostos são propostos pelos manuais de estatística para a adequação da análise fatorial. Sugere-se que o tamanho da amostra seja mais que 50 casos, idealmente, acima de 100 casos. As cargas fatoriais (correlações entre os indicadores dos fatores extraídos) devem ultrapassar o valor de 0,55 para serem consideradas significativas estatisticamente quando o número de casos da análise for igual ou superior a 100. Para amostras cujo número de casos for igual ou superior a 350 as cargas no valor de 0,30 são consideradas significativas. Para garantir significância prática, as cargas fatoriais precisam revelar um valor igual ou superior a 0,50. A medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) deve apresentar índices superiores a 0,50 para indicar que a análise fatorial é apropriada. O alfa de Cronbach, coeficiente que mensura a confiabilidade e consistência da análise, deve ultrapassar o valor de 0,70. Todavia, valores abaixo desses limites são considerados aceitáveis em estudos de caráter exploratório ou que tratem de fenômenos pertinentes às ciências sociais (MALHOTRA, 2001; HAIR Jr. et al., 2005).

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Integra esta pesquisa uma amostra de 821 alunos, dispostos em 31 cursos de graduação existentes na instituição pesquisada. A quantidade de casos da pesquisa

representou cerca de 10,0% do total de alunos da unidade central da IES pesquisada, considerando-se o contingente de alunos de segundo, quarto, sexto e oitavo períodos dos cursos participantes do estudo. Entretanto, é importante observar que o número de respondentes ao questionário ultrapassa aquele sugerido pela regra estatística que estipula a proporção de 10 casos para cada indicador da escala em análise (HAIR Jr. et al., 2005), o que deveria perfazer um total de 710 casos, uma vez que a escala estava composta de 71 indicadores. Esta situação denota, portanto, a adequação da amostra para o procedimento estatístico realizado. Em relação ao período que os alunos estão cursando na IES, evidencia-se que 38,5% estão no segundo período, 31,8% no quarto, 23,9% no sexto e 5,8% no oitavo. No que se refere ao sexo dos respondentes, 57,0% pertencem ao sexo feminino e 43,0% ao masculino. Quanto à faixa etária, 42,5% possuem idade que varia de 21 a 25 anos, compondo o percentual restante; 37,0%, de alunos com menos de 20 anos; e 20,5%, acima de 26 anos. Dos alunos pesquisados, 51,5% estão trabalhando atualmente, contra 48,5% que apenas estudam. Quanto ao estado civil, 92,0% são solteiros; 6,5% são casados; e 1,5%, outro tipo de união.

4.2 ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

Dois critérios gerais foram estabelecidos para a escolha dos indicadores que compreenderiam os fatores a serem extraídos pela análise fatorial exploratória. Primeiro, optou-se por indicadores que possuíam cargas fatoriais superiores a 0,30 em sua grande maioria, uma vez que a amostra de participantes da pesquisa superou a quantidade de 350 casos. Entretanto, procurou-se optar por indicadores com cargas acima de 0,50, para, também, garantir significância prática na análise (HAIR Jr. et al., 2005). Além disso, tomou-se o cuidado para que os indicadores em ambas as condições de valores de carga mantivessem-se inter-relacionados com os demais que configuravam determinado fator, fazendo valer um pressuposto estatístico relevante, preconizado pelos manuais especializados de estatística (HAIR Jr. et al., 2005). Segundo, procurou-se manter os indicadores o mais próximo dos tipos de vínculo pertinentes à caracterização, devidamente descrita no referencial teórico.

Ressalta-se que os métodos de análise de componentes principais e de rotação Oblimin foram utilizados para obter o modelo fatorial final, enfatizando-se que o método rotacional escolhido se deu porque os itens da escala apresentavam um bom índice de correlação entre si. Antes de apresentar o modelo final da análise com os fatores e indicadores correlatos, é importante discutir aspectos associados à matriz de correlação dos indicadores, às medidas de adequação da amostra e de significância geral das correlações, aos critérios adotados para a escolha do número de fatores a serem extraídos e à medida de confiabilidade da análise.

É importante ressaltar que das 364 correlações apuradas entre os indicadores selecionados para compor o modelo final da análise fatorial 296, ou 81,5%, revelaram um nível de significância de $p < 0,01$ e $p < 0,05$, com a grande maioria (95,6%) das correlações significativas se posicionando no primeiro nível de p . Esse número de correlações significativas é considerado muito alto, viabilizando totalmente a realização da análise fatorial exploratória (HAIR Jr. et al., 2005) por meio do método rotacional Oblimin. Em relação às intercorrelações entre os indicadores extraídos pela análise fatorial exploratória (AFEX), a medida KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) correlata evidenciou um valor de 0,92, indicando ser meritória de acordo com a classificação proposta por Hair Jr. et al. (2005). Este resultado reforça-se por meio do teste Bartlett de esfericidade, que apontou um valor alto, com significância abaixo de $p < 0,01$, indicando a existência de correlações entre as variáveis.

O critério da raiz latente foi adotado para a escolha dos fatores associados aos indicadores correspondentes aos tipos de vínculo considerados na pesquisa. É estabelecido por este critério que um fator com autovalor superior a 1 pode ser retido para a análise. A Tabela 1 mostra que 17 fatores exibiram autovalores acima desse limite, entretanto, apenas os sete primeiros fatores, assinalados em negrito, foram retidos pela análise. A decisão de reter esses fatores, por um lado, se deu porque, somados, eles perfaziam 40,73% da variância total, valor equivalente a mais da

metade (70,84%) do percentual total da variância acumulada (57,49%). Por outro, os indicadores pertinentes aos fatores retidos mantinham um inter-relacionamento no que se referia aos tipos de vínculo caracterizados na revisão de literatura.

TABELA 1 – Distribuição da variância entre os fatores extraídos pela análise fatorial.

Fator	Autovalores iniciais		
	Autovalores	Variância (%)	Variância acumulada (%)
1	14,55	20,50	20,50
2	3,99	5,62	26,13
3	2,67	3,76	29,89
4	2,34	3,30	33,19
5	2,11	2,94	36,17
6	1,65	2,33	38,50
7	1,57	2,22	40,73
8	1,42	2,00	42,73
9	1,34	1,89	44,63
10	1,30	1,83	46,46
11	1,22	1,72	48,18
12	1,17	1,64	49,82
13	1,16	1,63	51,46
14	1,12	1,57	53,04
15	1,09	1,54	54,58
16	1,04	1,46	56,05
17	1,02	1,44	57,49

Fonte: elaborado pelos autores.

Nota: F1 = Integração entre os membros; F2 = Identificação e idealização da instituição; F3 = Solidariedade.

Não obstante, o percentual de variância total apurado se apresentar abaixo do limite aceitável de 60,0% sugerido pela literatura (HAIR Jr. et al., 2005), a análise fatorial foi levada adiante por ser exploratória, porque os fatores escolhidos incluíam indicadores com cargas fatoriais acima de 0,30, e porque estavam conceitualmente de acordo com a tipologia de vínculos adotada pela pesquisa. Deve-se ressaltar, contudo, que essa decisão implica uma limitação de pesquisa. O modelo final para análise fatorial pode ser visualizado nas Tabelas 2 e 3, aqui divididas para facilitar a disposição dos dados. Vale destacar que a grande maioria das cargas fatoriais foi obtida com valores que ultrapassam 0,50, garantindo a significância prática do modelo. Além disso, nenhuma carga fatorial mostrou valor inferior a 0,30, proporcionando também a significância estatística do modelo. Em quase todos os fatores extraídos, com exceção de um fator, o alfa de Cronbach foi superior a 0,60, denotando que a confiabilidade do modelo foi alcançada, uma vez que este valor é aceito em pesquisas exploratórias.

TABELA 2 – Modelo final da análise fatorial para os tipos de vínculos entre alunos e a IES.

Indicadores	F1	F2	F3
A coordenação se mostra aberta e disponível para atender os alunos.	0,62		
Os professores se mostram abertos e disponíveis para atender os alunos.	0,59		
Existe nesta IES integração entre os professores de um mesmo período.	0,59		
Existe entrosamento entre os professores e a coordenação.	0,54		
Alfa de Cronbach (0,71)			
Esta IES é uma instituição que causa admiração.		0,68	
Esta IES é um lugar exemplar para se estudar.		0,63	
A imagem que tenho desta IES é que ela oferece ensino e serviços de boa qualidade.		0,70	
Acho que esta IES desfruta de uma boa imagem no mercado.		0,67	
Considero esta IES um bom lugar para estudar.		0,66	
		0,39	

A estrutura curricular desta IES atende às exigências do mercado.	0,38
Escolhi esta IES pelo que ela simboliza, pelos seus valores.	
Alfa de Cronbach (0,79)	0,70
Sinto que posso dividir os meus problemas com meus colegas de turma.	0,67
Meus colegas de curso são cooperativos e solidários.	0,53
Prevalece entre os alunos do curso um grande espírito de união.	0,37
Percebo que as pessoas nesta IES se preocupam comigo.	
Alfa de Cronbach (0,61)	

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: F1 = Integração entre os membros; F2 = Identificação e idealização da instituição; F3 = Solidariedade.

O fator 1, que evidenciou um alfa de Cronbach de 0,71 e cargas fatoriais entre 0,54 e 0,62, conecta os indicadores que denotam vínculos associados à abertura e à disponibilidade da coordenação e dos professores para atender os alunos, ao entrosamento entre os dois primeiros atores e à integração entre os professores de um mesmo período.

Esses indicadores revelam que o ambiente educacional ocupado por alunos, professores e coordenadores é interativo, algo que pode favorecer a criação de relacionamentos influenciadores e modeladores do comportamento. Nesse clima favorece-se a formação de relações sociais dinâmicas, baseadas no acolhimento e no respeito, em que os indivíduos influenciam e são fortemente influenciados, convergindo ao que Kurt Lewin argumentou em seus estudos sobre “campo social” e “espaço vital” (MAILHIOT, 1973). Acredita-se que os alunos, ao se sentirem acolhidos, transferem os vínculos construídos com a família para a instituição, por meio da figura dos professores e coordenadores, o que favorece a criação de laços e de cooperatividade (BOWLBY, 1982). A integração entre esses três atores deve facilitar o estreitamento das relações interpessoais, contribuindo para a criação de um bom ambiente educacional e a garantia de que os objetivos de ensino possam ser alcançados por meio do fortalecimento desses vínculos. Isso certamente gera um clima de interação mútua entre os envolvidos, oportunizando a interação de sentimentos de confiança e participação (MAILHIOT, 1973; FARIA; SCHMITT, 2007;

PICHON-RIVIÈRE, 2009). O processo de comunicação que decorre desta interação deve favorecer a aprendizagem, estabelecendo o que Pichon-Rivière (2007) denominou “vínculo saudável”, ou “vínculo normal”. Tendo em vista estas considerações, os indicadores extraídos pela análise caracterizam o vínculo integração entre os membros (KRAMER, 2003; KRAMER; FARIA, 2007).

O fator 2, que revelou um alfa de Cronbach de 0,79 e cargas fatoriais variando de 0,38 a 0,70, une vínculos dos alunos com a IES quanto aos sentimentos que eles lhes atribuem em termos de admiração, imagem desfrutada no mercado, qualidade do ensino e dos serviços prestados, estrutura curricular e valores disseminados pela instituição. Tendo em vista tais indicadores e os argumentos de Chanlat (1996) e Zimerman (2003), deduz-se que a IES se encontra no lugar do espelho, permitindo que o aluno a veja como objeto de identificação fundamental para a realização de seu projeto pessoal e profissional. Esse tipo de percepção, além de conferir identidade individual e grupal, assegura sentimentos de segurança psicológica, afiliação, autovalorização e significado pessoal (ASHFORTH; MAEL, 1996; PRATT, 2000; TAJFEL; TURNER, 2004; YIANNIS, 2010).

Considerando as concepções de Pagès e Ávila (2003), pressupõe-se que a IES exerce influência sobre os alunos, levando-os a reconhecer em si próprios tudo aquilo o que nela se insere, em diferentes graus e combinações variadas. Portanto, acredita-se que a partir da identificação com a IES o aluno deve participar mais ativamente daquilo que a cerca. Um sentimento dessa natureza pode conduzir o aluno a idealizá-la e a percebê-la com pouca ou nenhuma falha – ou seja, um espaço para a satisfação de seus desejos ou de um projeto comum. Nesse sentido, a instituição assumiria o lugar da perfeição (LAPLANCHE; PONTALIS, 1996) ou do sagrado (PAGÈS, 1993; FREITAS, 2000; ENRIQUEZ, 2001). Assim interpretado, o conjunto dos indicadores extraídos permite que nesta pesquisa eles possam ser aglutinados e reconhecidos pelos vínculos identificação e idealização envolvendo a instituição.

O fator 3, que exibiu um alfa de Cronbach de 0,61 e cargas fatoriais mudando de 0,37 a 0,70, inclui indicadores que denotam relacionamentos cooperativos e solidários entre os alunos, prevalecendo entre eles um grande espírito de união. A cooperação, segundo comenta Lodi (1985), é um facilitador para o bom funcionamento das relações sociais, pois implica o relacionamento e o ajustamento dos indivíduos em interação. Partindo dessa concepção, deduz-se que por meio da cooperação e solidariedade a IES atinge suas metas e fortalece os laços de reciprocidade, unindo e criando sentimentos que geram vínculos significativos e de defesa coletiva e que protegem seus membros (FREITAS, 2000). Pagès (1993) afirma que as pessoas buscam e desejam, de forma inconsciente, uma cooperação autêntica em suas relações sociais e nas organizações. A solidariedade, portanto, se caracterizaria como um processo dinâmico, que age no sentido de facilitar o diálogo e a relação entre os indivíduos (FORTUNA et al., 2005; PICHON-RIVIÈRE, 2007) – no caso entre alunos, professores e coordenação –, permitindo que estes atores se expressem e realizem as suas atividades. Estes indicadores identificam o vínculo solidariedade (KRAMER, 2003; KRAMER; FARIA, 2007; ROSENFELD, 2013)

TABELA 3 – Modelo final da análise fatorial para os tipos de vínculos entre alunos e a IES.

Indicadores	F4	F5	F6	F7
Sinto orgulho em participar de eventos e cerimônias formais desta IES.	0,64			
Sinto-me efetivamente um membro desta IES.	0,52			
Ao ouvir críticas sobre a IES, reajo defendendo-a.	0,43			
Sinto orgulho desta IES quando ela recebe algum prêmio ou elogio público.	0,38			
Sinto que os meus laços com esta IES se fortalecem à medida que o meu curso se desenvolve.	0,32			
Alfa de Cronbach (0,71)		0,63		

O curso que realizo me estimula a melhorar minhas habilidades e competências.	0,40
O curso que realizo me oferece oportunidade de construir competências necessárias para o exercício profissional.	
Alfa de Cronbach (0,54)	
Quando eu tenho críticas, sugestões ou dúvidas a respeito do meu curso, eu sei a quem dirigí-las.	0,58
Nesta IES há espaço para expressar minhas opiniões sobre o desenvolvimento do meu curso.	0,52
Minhas críticas, sugestões ou dúvidas são sempre ouvidas e discutidas pelos meus professores.	0,48
Alfa de Cronbach (0,62)	
Observo discussões freqüentes entre alunos e professores em sala de aula.	0,70
Observo discussões freqüentes entre os alunos em sala de aula.	0,68
A competição entre os alunos do meu curso é intensa.	0,42
Alfa de Cronbach (0,52)	

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: Fator 4 = Sentimento de pertença; Fator 5 = Desenvolvimento pessoal e profissional; Fator 6= Participação; Fator 7 = Criação de inimigos.

O fator 4, que exibiu um Alfa de Cronbach de 0,61 e cargas fatoriais mudando de 0,32 a 0,64, associa indicadores que denotam os alunos pesquisados se sentindo membros efetivos da IES onde estudam, participativos de seus eventos e cerimônias, orgulhosos dos prêmios que ela recebe, cujos laços fortalecidos nessa relação os levam a defendê-la, quando recebe críticas. Entende-se que o aluno, ao se sentir plenamente aceito pela instituição e pelos colegas, consegue se integrar e sentir-se pertencente a este espaço, passando a interessar e a participar dos projetos e eventos patrocinados pela IES (MAILHIOT, 1973; PICHON-RIVIÈRE, 2009). Conforme salienta Bordignon (2004), é a organização que determina, por

meio de seu jogo ou missão, as relações internas que serão cultivadas no seu interior, fato que pode contribuir para que o aluno experimente o sentimento de pertencer e de participar da vida escolar.

Freud (1987) diz que a maneira de apreender o mundo é determinado pela particularidade e subjetividade de cada sujeito, por meio da história de seus núcleos sociais de pertença, que, em certa medida, modificam-no de forma sutil, ao mesmo tempo em que são modificados pela sua influência. Isso é reforçado pelas concepções de Freitas (2000) quando a autora menciona que a construção de representações de uma organização gera condições para a expressão da subjetividade de seus membros e, conseqüentemente, a sensação de pertencer a alguma coisa. Esses sentimentos, certamente, definem a identidade social, o valor e o significado emocional de um indivíduo em afiliação – no caso, um aluno ligado a uma instituição educacional. Assim posto, os indicadores extraídos pela análise caracterizam o vínculo sentimento de pertença (KRAMER, 2003; KRAMER; FARIA, 2007).

TABELA 4 - Indicadores do modelo final da análise fatorial.

Indicadores	Cargas Fatoriais
Esta IES é um lugar exemplar para se estudar.	0,63
Nesta IES há espaço para expressar minhas opiniões sobre o desenvolvimento do meu curso	0,52
A imagem que tenho desta IES é que ela oferece ensino e serviços de qualidade.	0,70
Percebo que as pessoas nesta IES se preocupam comigo.	0,37
Esta IES é uma instituição que causa admiração.	0,68
Sinto orgulho desta IES quando ela recebe algum prêmio ou elogio público.	0,38
Quando eu tenho críticas, sugestões ou dúvidas a respeito do meu curso, eu sei quem a recorrer.	0,58
Acho que esta IES desfruta de uma boa imagem no mercado.	0,67
Sinto que posso dividir meus problemas com meus colegas de turma.	0,70
Sinto orgulho em participar de eventos e cerimônias formais desta IES.	0,64

Vínculos entre alunos e uma Instituição de Ensino Superior: desenvolvimento e proposição de uma escala de medida

Minhas críticas, sugestões ou dúvidas são sempre ouvidas e discutidas pelos meus professores	0,48
Considero esta IES um bom lugar para estudar.	0,66
Sinto-me efetivamente um membro desta IES.	0,52
Observo discussões frequentes entre os alunos em sala de aula.	0,70
O curso que realizo me estimula a melhorar minhas habilidades e competências.	0,63
Sinto que os meus laços com esta IES se fortalecem à medida que meu curso se desenvolve.	0,32
Observo discussões frequentes entre alunos e professores em sala de aula.	0,70
A estrutura curricular desta IES atende às exigências do mercado.	0,39
Meus colegas do curso são cooperativos e solidários.	0,67
Ao ouvir críticas sobre a IES, reajo defendendo-a	0,43
A competição entre os alunos do meu curso é intensa.	0,42
Existe nesta IES integração entre os professores de um mesmo período.	0,59
Escolhi esta IES pelo que ela simboliza, pelos seus valores.	0,38
Prevalece entre os alunos do curso um grande espírito de união.	0,53
Existe entrosamento entre os professores e a coordenação.	0,54
O curso que realizo me oferece oportunidades de construir competências necessárias para o exercício profissional.	0,40
Os professores se mostram abertos e disponíveis para atender os alunos.	0,59
A coordenação se mostra aberta e disponível para atender os alunos.	0,62

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: Fator 4 = Sentimento de pertença; Fator 5 = Desenvolvimento pessoal e profissional; Fator 6= Participação; Fator 7 = Criação de inimigos.

Quase todos os indicadores da Tabela 4 apresentaram alfa de Cronbach acima de 0,60, com exceção daqueles destacados em negrito, os quais são pertinentes aos vínculos desenvolvimento pessoal e profissional e criação de inimigos. Sugere-se que tais indicadores sejam aprimorados em pesquisas futuras para se tornarem mais fidedignos e confiáveis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, reconheceu-se que a identificação dos vínculos envolvidos na relação que uma instituição educacional mantém com o seu corpo discente pode subsidiá-la a planejar e realizar ações para o desenvolvimento e obtenção dos conhecimentos necessários ao preparo pessoal e profissional do aluno, o qual, por sua vez, pode representá-la no mercado como uma entidade formadora de profissionais responsáveis e qualificados.

Tendo isso em mente interessou aos autores deste artigo desenvolver e propor uma escala capaz de permitir a investigação dos aspectos vinculares que permeiam o relacionamento mantido entre alunos de diferentes cursos e uma Instituição de Ensino Superior confessional localizada na cidade de Belo Horizonte. O estudo de diversas concepções de autores da Administração, da Psicologia e da Educação a respeito de configurações vinculares possibilitou o desenvolvimento da escala pretendida, cuja intenção central da pesquisa era sumariá-la, por meio de uma análise fatorial exploratória, em um conjunto de fatores que designassem os tipos de vínculo sugeridos pela literatura consultada sobre o tema. Considerou-se que este objetivo foi alcançado, o que possibilita pesquisadores e profissionais da área educacional lançar mão de um instrumento útil para compreender as configurações vinculares estabelecidas entre alunos e instituições educacionais de ensino superior.

Os pressupostos estabelecidos para respaldar a adequação da análise fatorial realizada evidenciaram que as cargas fatoriais dos indicadores componentes do modelo final exibiram valores que se enquadram nos limites estabelecidos pela literatura em estatística, conferindo significância prática e estatística na análise. Quanto às medidas de intercorrelações entre os indicadores dos fatores extraídos, o resultado foi meritório, indicando que a amostra utilizada mostrou-se adequada para a realização da análise fatorial. Em termos da confiabilidade dos resultados, verificou-se que ela foi satisfatoriamente alcançada, uma vez que a medida utilizada para este fim revelou valores respaldados pela literatura especializada.

Os resultados alcançados pela análise fatorial permitiram que os 71 indicadores propostos, originalmente distribuídos em uma escala contendo dez tipos de vínculo inspirados na literatura, fossem sumarizados em um modelo final contendo um conjunto de 28 indicadores pertinentes a sete vínculos (fatores), a saber: integração entre os membros, identificação e idealização da instituição, solidariedade, sentimento de pertença, desenvolvimento pessoal e profissional, participação e criação de inimigos. É importante ressaltar que um dos fatores do modelo fatorial final permitiu que os vínculos identificação e idealização fossem aglutinados, decisão que se respalda na literatura quando é preconizado que o segundo tipo de vínculo, normalmente, vem acompanhado do primeiro.

Em termos da IES pesquisada, os vínculos identificados permitem prever aspectos que levam o aluno a buscar uma instituição para desenvolver os seus estudos e nela permanecer. Portanto, esta deve ficar atenta às questões associadas ao relacionamento com os alunos e destes com os professores de um mesmo período. Dessa forma, a IES deveria desenvolver estratégias capazes de conduzir suas atividades para a criação de vínculos que fortaleçam o entrosamento entre alunos afins e de diferentes períodos e cursos, o entrosamento entre professores e a abertura da coordenação e professores para se relacionarem com os alunos. Para os discentes, o estudo permite compreender os vínculos que possibilitam o estreitamento de relações que levam à formação de grupos, para os quais são transferidos sentimentos, emoções e conflitos estabelecidos durante a vida pregressa. Fazer parte deste contexto significa influenciar e ser influenciado pelos eventos que ali ocorrem.

A investigação desses vínculos em estudos futuros permitirá, de um ponto de vista acadêmico, fortalecer o campo de pesquisa sobre o tema, como também aperfeiçoar os modelos explicativos do fenômeno tratado no estudo. De um ponto de vista organizacional, propiciará que as IES possam conhecer as configurações vinculares mantidas com os seus alunos, algo que lhes possibilitarão enfrentar e adaptar-se às transformações que atualmente ocorrem no mercado educacional e,

assim, manter-se neste ambiente como geradoras e transformadoras do conhecimento. Apesar dos cuidados metodológicos tomados no estudo, reitera-se a necessidade de realização de novos estudos para fins de aprimoramento da escala proposta.

REFERÊNCIAS

ALBERT, S.; ASHFORTH, B. E.; DUTTON, J. E. Organizational identity and identification: charting new waters and building new bridges. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 13-17, 2000.

ALIATTI, I. **Processos dos grupos psicológicos construtores da pertença: vínculo da amizade, organizadores grupais e o lugar - espaço potencial**. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

ASHFORTH, B. E.; MAEL, F. Organizational identity and strategy as a context for the individual. **Advances in Strategic Management**, v. 13, p. 19-64, 1996.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BERENSTEIN, I. Vínculo e inconsciente. Apuntes para una metapsicología. **Revista de Psicoanálisis da Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de grupo (AAPPG)**, v. 18, p. 19-20, 1995.

BERENSTEIN, I; PUGET, J. **Lo vincular. Clínica y teoría psicanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

BION, W. R. **Experiences in groups**. London: Tavistock, 1961.

_____. **Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORDIGNON, G. Gestão democrática da escola cidadã. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BUSCH, G; KOCIAK, F. **Amparo - desamparo en las instituciones educativas**. XIII Congreso Latinoamericano de Psicoterapia Analítica de Grupo: Procesos y Transformaciones en los Vínculos. Montevideu, Uruguai, 1998.

CARDOSO, J. J. Gestão compartilhada da educação: a experiência catarinense. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 76, n.182/183, p. 139-170, 1995.

CHANLAT, J. Por uma antropologia da condição humana nas organizações. In: CHANLAT, J. F. (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, v.1, 1996.

CHEN, C. C.; CHEN, X.; MEINDL, J. R. How can cooperation be fostered? The cultural effects of individualism collectivism. **Academy of Management Journal**, v. 23, n. 3, p. 285-304, 1998.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**. São Paulo: Bookman, 2005.
ENRIQUEZ, E. **A organização em análise**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

ENRIQUEZ, E. O vínculo grupal. In: LÉVY, A. et al. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ENRIQUEZ, E. O homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável. **Revista de Administração de Empresas - RAE Eletrônica**, v. 5, n. 1, art. 10, jan./jun. 2006.

FARIA, J. H.; SCHMITT, E. C.; **Indivíduo, vínculo e subjetividade**. In: FARIA, J. H (Org.). **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

FAVIER, D; WINOGRAD, M. In: PACHUK C.; FRIEDLER R. (OrgS). **Dicionário de psicoanálisis de las configuraciones vinculares**. Buenos Aires: Del Candil, 1998.

FELDMAN, M. S. ; ANAT, R. **Organizational routines as sources of connections and understandings**. **Journal of Management Studies**, v. 39, n. 3, p ; 303-331, 2002.

FERNANDES, J. W. ; SVARTMAN, B. ; FERNANDES, B. S. **Grupos e configurações vinculares**. Porto alegre: Artmed, 2003.

FORTUNA, C. N.; MISHIMA, S. M.; MATUMOTO, S.; PEREIRA, M. J. B. **O trabalho de equipe no programa de saúde da família: reflexões a partir de conceitos do processo grupal e de grupos operativos**. **Revista Lationamericana de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 262-168, 2005.

FREITAS, M. E. **A Questão do imaginário e a fronteira entre a cultura organizacional e a psicanálise**. In: MOTTA, F. C. P. (Org.). **Vida Psíquica e Organização**. São Paulo: FGV, 2000.

FREUD, S. **As perspectivas futuras da terapia psicanalítica**. In: FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 11, 1987.

GHANEM, E. **Educação e participação no Brasil: um retrato aproximativo de trabalhos entre 1995 e 2003**. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 161-188, jan/abr. 2004.

GINTIS, H.; FEHR, E. **The social structure of cooperation and punishment**. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 35, n. 1, p. 28-39, 2012.

GODIM, S. M. G.; ESTRAMIANA, J. L. A.; LUNA, A. F.; SOUZA, G. C.; SOBRAL, L. C. S.; REGO, C. C. A. B. **Emoções e trabalho: estudo sobre a influência do status e do sexo na atribuição de afetos**. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n., p. 241-258, 2010.

GOMES, D. V. A solidariedade social e a cidadania na efetivação do direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado. **Desenvolvimento em Questão**, v. 5, n. 9, p. 85-98, 2007.

HAIR JR, J. F.; ANDERSON, R. E.; TATHAM; R. L.; BLACK, W. C. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HERZBERG, F. **O conceito de higiene como motivação e os problemas do potencial humano de trabalho**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1973.

JODELET, D.. Représentation sociale: phénomène, concept et théorie. In : MOSCOVICI, S. (Dir.). **Psychologie sociale**. Paris: Presses Universitaire de France, 1990.

KRAMER, G. G. **Vínculos organizacionais: um estudo de caso em uma organização pública**. 2003. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

KRAMER, G. G; FARIA J. H. Vínculos Organizacionais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 83-104, jan./fev. 2007.

KRAKOV; H.; PACHUK, C. Tres espacios. In: PACHUK, C.; FRIEDLER, R. (Orgs.). **Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares**. Buenos Aires: Del Candil, 1998.

LACOMBE, B. B. A relação indivíduo-organização: é possível não se identificar com a organização? In: Encontro de Estudos Organizacionais, 2., 2002, Recife. **Anais ... Recife: EnEO**, 2002.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Editora Livraria Martins Fontes, 1996.

LEWIN, K. **Teoria de campo em psicologia social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIEVEN, F.; HOYE, G. V.; ANSEEL, F. Organizational identity and employer image: towards a unifying framework. **British Journal of Management**, v. 18, p. 45-59, 2007.

LODI, T. V. M. **Motivação no trabalho**. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

LUCK, H. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

McCLELLAND, D. C. **Human motivation**. Glenview, Illinois: Scott, Foresman, 1985.

MACHADO, H. V. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**, Edição Especial, p. 51-73, 2003.

MAFFESOLI, M. Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 43, n. 1, p. 97-102, janeiro/abril, 2007.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos**. Atualidades das descobertas de Kurt Lewin. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality**. New York: Harper e Row, 1987.

NASCIMENTO, A. R. B. **Escolhas e decisões: estudo do processo participativo em organizações da economia solidária**, 2008. 208 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

PAGÈS, C.; ÁVILA, L. Visão freudiana dos grupos; da horda ao vínculo. In: FERNANDES, J. W. et al. **Grupos e configurações vinculares**. Porto alegre: Artmed, 2003.

PAGÈS, M. **A vida afetiva dos grupos: esboço de uma teoria da relação humana**. Petrópolis: Vozes, 1993.

PASQUALI, L. **Análise fatorial para pesquisadores**. Brasília: LabPAM, 2005.

PHUA, F. T. T. The antecedents of cooperative behavior among project team members: an alternative perspective on an old issue. **Construction Management and Economics**, v. 22, n. 10, p. 1033-1045, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PLACER, F. G. Identidade, diferença e indeferência: o si mesmo como obstáculo. In: LARROSA, J.; LARA, N. P. (Orgs.). **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRATT, M. G. The good, the bad, and the ambivalent: managing identification among Amway distributors. **Administrative Science Quarterly**, v. 45, p. 456-493, 2000.

PUGET, J. La mente del psicoanalista de configuraciones vinculares. **Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo**, Buenos Aires, v. 20, n. 1, p. 151-167, 1997.

ROSENFELD, C. L. Autonomia outorgada e relação com o trabalho: liberdade e resistência no trabalho na indústria de processo. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 350-378, 2013.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHALK, R.; CURSEU, P. L. Cooperation in organizations. **Journal of Managerial Psychology**, v. 25, n. 5, p. 453-459, 2010.

SEMINOTTI, N. O grupo como ambiente de fomento e enterro dos sonhos. In: Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social, 11., 2001, Florianópolis. **Anais ... Florianópolis: ABRAPSO**, 2001.

SENOS, J. Identidade social, auto-estima e resultados escolares. **Análise Psicológica**, v. 1, n. XV, p. 123-137, 1997.

TAJFEL; H.; TURNER, J. C. **The social identity theory of intergroup behavior**. New York: Psychology Press, 2004.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VALLADARES; A.; FILHO, J. G. L. Gestão contemporânea de negócios: dimensões para a análise das práticas gerenciais à luz da aprendizagem e da participação organizacionais. **Revista FAE**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 85-95, 2003.

VELOSO, L. **Empresas, identidades e processos de identificação**. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2007.

VENTRICI, G.; ZADUNAIKY, I. Trans subjetividad y trans subjetivo. In: PACHUK, C.; FRIEDLER, R. (Orgs.). **Dicionário de psicoanálisis de las configuraciones vinculares**. Buenos Aires: Del Candil, 1998.

VERGARA, S. C.; BRANCO, P. D. Empresa humanizada: a organização necessária e possível. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 20-30, 2001.

_____. Empresa humanizada: a organização necessária e possível. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 20-30, 2001.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

YIANNIS, G. Organization studies: a space for ideas, identities and agonies. **Organization studies**, v. 31, n. 6, p. 757-775, 2010.